

Três situações em cerca de duas horas:

1. A apreensão disfarçada de distração absorta, a preguiça disfarçada de tranqüilidade inconseqüente.

(Matar o tempo. O tempo que falta antes de ter de se arrumar para sair de casa em direção ao trabalho. Não importa muito com o que, basta fazer esquecer, protelar. Claro que se for com algo cultural, artístico ou informativo, melhor. Não importa se faltam duas horas ou dois minutos. A impassibilidade tem de ser a mesma.)

2. A corrida contra o tempo, a velocidade.

(A raiva por estar atrasado ao sair de casa, de novo. Por ter que chegar ao trabalho – que já é indescritivelmente desgastante e restritivo por si só - e encarar aquelas pessoas, atrasado, ou na melhor das hipóteses, menos adiantado do que eles.

A estranheza de estar suado, por causa do esforço físico e do estresse, e ao mesmo tempo sentir-se anestesiado, como se os movimentos não fossem próprios, como se até mesmo a própria presença não fosse real, efetiva.)

3. A chegada ao trabalho.

(E começar a realizar aqueles movimentos e raciocínios todos.)

Situações idênticas, dia após dia.

Como é que alguém que há anos trabalha regularmente, com mais de 25 anos de idade, pode se encontrar numa situação onde sinceramente não se lembra de como entrou no mundo do trabalho (e o que (e como esse o que) o mantém lá)?

O termo trabalho vem de *tripalium*, do latim tardio.

*Tripalium* era uma espécie de tripé formado por três estacas cravadas no chão. Era um instrumento criado e utilizado para causar dor física e sofrimento.

Daí derivou-se o verbo *tripaliare* (ainda latim), que significava utilizar-se do *tripalium*; o que em prática quer dizer que o "trabalhador" não era a vítima da coisa toda, era justamente o contrário (quando muito poderia tratar-se de uma vítima secundária).

Atribuições à parte, com o passar do tempo o ser humano conseguiu desenvolver objetos e instrumentos mais práticos e eficazes para causar dor e sofrimento, então o *tripalium* passou a ser utilizado para imobilizar os cavalos mais intratáveis, para a troca de ferraduras, entre outras atividades correlatas.

Após o século XII, com o surgimento das línguas românicas, o *tripalium* (que praticamente já não existia mais como objeto físico) serviu de origem para os diversos termos derivantes, existentes nas línguas neolatinas (francês, espanhol, português etc).

Foi o fato de o sujeito se desgastar ao usar o *tripalium* (cansar-se, submeter-se) que inspirou o sentido do termo trabalho.

No latim era o termo *labor* que designava as atividades destinadas a gerar resultado prático, à transformação material, produtividade etc.

Podemos perceber melhor essa dualidade comparando o português e o italiano modernos: *travaglio* significa sofrimento, tormento; *lavoro* significa trabalho.

Como não lembrar dos parentes mais velhos que dão conselhos ou contam historinhas com moral do tipo “o trabalho dignifica” ou “se trabalhar você realiza suas vontades” quando se é criança? Ângelo sempre escutava historinhas desse tipo, do pai, da mãe, dos tios e tias, da avó... Talvez dissessem essas coisas já pensando em amenizar o futuro descontentamento, tentando causar um senso de atribuição e de integração.

E diziam também algo do tipo “tire boas notas na escola, seja bonzinho, prepare-se bem para o mundo do trabalho!”.

No mundo do trabalho a pessoa faz o que?

Trabalha.

Enfim, na grande maioria dos casos é assim: no mínimo 6 horas por dia, no mínimo cinco dias por semana, no mínimo 11 meses por ano, por mais de 25 anos, quase sempre fazendo algo que não causa prazer, e longe de quem se ama. E ainda por cima devendo parecer contente, seguro, satisfeito.

E em troca, uma vez por mês, tem o salário.

Na maior parte dos casos.

O fato é que quase todo dia Ângelo trabalhava mecanicamente, o dia todo.

O único período no qual Ângelo se dedicava mentalmente ao trabalho costumava ser o primeiro mês após a contratação, quando existia o desafio do desconhecido. Depois desse primeiro período, ele preferia (ou acabava por) trabalhar

mecanicamente, fazendo o possível para deixar a mente livre, para fazer planos ou ter idéias...

Planos de como mudar sua vida, de como tornar sua vida menos ordinária, de como se redimir pelo sentimento de culpa aparentemente sem razão para com seu filho e sua esposa, planos de qual disco/livro/filme baixar/comprar/alugar, de encarar uma balada no fim de semana, de conhecer lugares e cidades.

Isso sem falar nas viagens mentais. Ou abstrações, se preferirmos.

Enfim, tipo um êxtase. Ou algum tipo de dislexia, se preferirmos.

Ângelo era um músico amador, tocava guitarra e cantava numa banda, numa banda que fazia questão de não se preocupar em encontrar um produtor ou empresário. Numa banda dita *indie*. Então, muitos dos êxtases eram dedicados a novas melodias ou palavras para as canções da banda, que seriam ensaiadas “só deus sabe quando”, afinal todos os integrantes da banda tinham um “trabalho regular”.

Sempre que Ângelo ouvia os parentes dizendo coisas do tipo “mas por que você não se dedica à música profissionalmente?”, usando como exemplos os artistas de sucesso do momento, se fortalecia sua convicção de que ele nunca poderia ser feliz transformando o que lhe dava mais prazer em um “trabalho regular”, em um emprego com limites, prazos e obrigações definidos por pessoas que nada entendiam sobre o que o movia. E claro, tinha a questão do *show biz*, aquela coisa do estilo de vida que o artista deve ter, essencial para quem quer viver profissionalmente de música. Ângelo não ligava para isso, ele compunha, tocava e gravava por necessidade e por apego, e não por tudo o que estava em volta do negócio música.

No começo, Ângelo até tentava responder aos parentes, explicando o que sentia e pensava a respeito, com exemplos de artistas que eram reconhecidos no que se propunham a fazer, apesar de não estarem nas paradas de sucesso. Mas a reação mais freqüente dos parentes era a mais completa fleuma, isto é, era como se Ângelo estivesse falando sozinho.

Com o tempo, para responder aos conselhos dos parentes, ele apenas balançava a cabeça afirmativamente e resmungava algo do tipo “ah, pois é, valeu”.

Depois de ver na TV um especial sobre a Bjork, com todas aquelas imagens da terra natal dela - géisers, gelo, esquimós, muito gelo; Ângelo se perdia em devaneios fantasiosos, sempre que se deparava com o nome Islândia.

Ainda mais depois de ler Jack London e Pierre Loti. Aquela coisa de se tornar marinheiro para conhecer lugares remotos, assim como fez um dos filhos do senhor Martin, do primeiro livro do Kerouac.

Foi num desses momentos de êxtase contido que ele decidiu que ia enforçar as duas ultimas aulas da faculdade, à noite; passar na locadora, correr para casa e assistir ao filme *Dançando no Escuro*, dos nórdicos Bjork e von Trier.

Ângelo sentia-se o mais atrasado dos atrasados por ainda não ter assistido a saga da imigrante tcheca Selma, que nos EUA tentava arranjar o dinheiro necessário para operar seu filho, que carregava nos olhos seu próprio problema, a cegueira, doença congênita e degenerativa.

Arranjar dinheiro como?

Trabalhando, muito. Guardando o que se podia guardar.

Como os imigrantes bem fazem.

Isso tudo no formato musical (sim, o mesmo formato de, por exemplo, *Cantando na Chuva*).

No dia seguinte, no trabalho, ele se sentiu até meio culpado, depois de lembrar tudo o que já tinha lido e escutado a respeito do filme.

Ao chegar em casa, sua amada tirava o maior sarro.

- Viu só?! Você não vive dizendo que eu sou preguiçosa? Que a gente precisa se interessar etc? Hehe.

- Olha, não que o filme seja ruim pra valer, mas aquela câmera estilo repórter de guerra, aqueles ângulos pela metade e aqueles diálogos em som ambiente, você não pode refutar isso tudo como argumentação. Aquilo deprime, desanima.

- Nem vem, essa não foi a primeira vez que você fez isso... Lembra do *Asas do Desejo* do Win Wenders? Claro que você não vai lembrar, né?! Hehe.

- Poxa, a Bjork parece ser uma pessoa supimpa, os discos dela são legais, mas essa estréia dela em filme foi, o que dizer, sonífera. Na boa, coisa do tipo conto do vigário...

- Sei, hehe.

Sim, Ângelo acabou “dormindo no escuro”. Ele tinha trabalhado o dia inteiro, e depois do trabalho tinha ido à Universidade. Estava cansado, assistindo deitado, no sofá...

Isso sem falar no problema que Ângelo tinha com os filmes ditos “musicais”. Desde criança, era começar a tocar a música – aquele lance teatral, sempre com aquelas vozes ou muito graves ou muito agudas, com aqueles instrumentais pomposos, aquelas caras-caretas e aquelas danças coreografadas (oh as coreografias!) – para que Ângelo literalmente corresse para longe da TV, bufando.

Um das últimas coisas que Ângelo comentou antes de pegar no sono, ainda na metade do filme, foi algo sobre como a gente precisa de banalidade, sobre como a gente precisa fugir da própria realidade.

Ao acordar, sua amada lembrou disso e Ângelo pensou em como se explicar. Achou muito louvável o filme mostrar a vida de uma pessoa simples, de uma pessoa que precisa trabalhar de verdade, vivendo como a maioria vive – sem glamour. E acabou chegando à conclusão de que deve ter dormido justamente por isso. A realidade é chata, ou algo do tipo, foi o que ele concluiu. A própria protagonista fugia de sua realidade, com as músicas/danças, lá...

E foi para fugir da realidade, ou mais romanticamente para tornar realidade um êxtase, que Ângelo se desfez do que tinha (emprego, habitação, CDs, móveis) e embarcou no aeroporto de Guarulhos, com mulher e filho e irmão mais novo, em direção à Europa, como emigrante mesmo.

Foi estranho não precisar mais entrar em êxtase para fazer o tempo passar.

Pelo contrario, agora era preciso procurar uma casa e, quem diria, trabalho.

Ou seja, Ângelo passava seus primeiros dias na Itália a se preocupar, primeiro com os documentos, e num segundo momento com imobiliárias e agências para o trabalho.

Os dias eram ensolarados e frios, era o outono. Ele andava pela cidade, várias horas por dia, muitas vezes com sua mulher e seu filho, tentando conhecer como se vivia por lá, como fazer para se tornar mais um integrante daquilo.

Ele mal tinha deixado aquele mundo de assalariado e já estava se virando para voltar, afinal o dinheiro que ele conseguiu juntar no Brasil não iria durar muito e tal.

Mas nesse período ele pode vivenciar muita coisa, conheceu muitos lugares bonitos, antigos e cheios de história. Nesse período ele conseguiu amar sua mulher e seu filho tão ternamente e tão apaixonadamente que aquilo tudo parecia uma fábula portátil.

No período em que teve menos certezas sobre o futuro, Ângelo conseguiu sentir-se mais livre. E apesar dos calafrios e da dificuldade na hora de dormir, conseguia respirar mais leve na maior parte do tempo. Claro, não tinha mais a banda, mas nem tudo é perfeito, pensava.

Ângelo escolheu a Itália porque tinha a cidadania italiana (seus bisavôs emigraram da Itália e se fixaram no Brasil no começo do século XX). Ainda no Brasil estudou a língua italiana e tentou se preparar da melhor forma possível.

Depois de rodar por quase um mês, conseguiram alugar um mini-apartamento.

Depois de outros quinze dias Ângelo conseguiu um emprego.

Numa fábrica.

Para quem antes trabalhava como escriturário numa instituição financeira, Ângelo encarou o fato de trabalhar numa fábrica, num país distante, como uma grande aventura.

Foi naqueles dias que Ângelo começou a ler o primeiro livro de Fante que encontrou por aquelas bandas, *La confraternita dell'uva* (o penúltimo livro que Fante escreveu), onde o protagonista é um escritor.

Um escritor que ainda não publicou um livro sequer, um aspirante a escritor.

Nascido no Colorado (EUA), no início do século XX, numa família de imigrantes italianos.

Ele tentava fugir do destino que lhe parecia inevitável, isto é, seguir os passos do pai e tornar-se um pedreiro. Para tal ia freqüentemente à biblioteca ou se trancava no quarto e lia, lia muito.

Depois de pouco tempo começou a escrever, produzir textos e mais textos.

Claro que a família não gostou desse tipo de comportamento e a um certo ponto ele teve que partir, se arranjar sozinho.

O personagem do livro de Fante (que nada mais era que seu alter-ego) pretendia mudar-se para Los Angeles, procurar um quarto para dormir e um trabalho qualquer. Isso tudo para, com o dinheiro suado, conseguir investir em sua carreira de escritor, sem precisar de ninguém. E de fato ele trabalhou muito.

Trabalhou como lava-pratos e estivador, dentre outras coisas.

Depois de perambular por Los Angeles por alguns meses (por um período chegou a viver num estado de semi-indigência), decidiu voltar para a casa dos pais. E de lá começou a enviar seus textos para muitos outros editores, enfim conseguindo um contrato (mas só depois de um primeiro período, com suas obras sendo rejeitadas muitas vezes por muitas editoras).

Fante mesmo, que escreveu o livro em 1977, lembrando do que aconteceu com ele próprio 30 ou 40 anos antes, descreve com ironia a inocência daqueles dias em que acreditava ser indestrutível (ainda mais se levamos em conta que em 1977 Fante convivia com a diabete).

A fábrica era nova - Ângelo e seu irmão foram o segundo e terceiro funcionários contratados. O dono da fábrica e sua esposa trabalhavam lá.

Ângelo se dedicou de verdade na fábrica e procurou ser o melhor operário do mundo. Trabalhava com disposição e constância. Tanto que, depois de apenas duas ou três semanas, o patrão o convidou para assumir o cargo de Responsável pela produção, que compreendia também as tarefas de controle da qualidade.

Ao embarcar nessa, Ângelo não sabia que teria que cumprir jornadas de trabalho longas, muitas vezes de mais de 12 horas, não sabia que teria que executar mais de duas tarefas ao mesmo tempo, não sabia que não teria direito a receber horas-extras (já que o patrão disse que “daria” um aumento de salário, aumento esse que se mostrou muito inferior ao que Ângelo teria recebido por todas as horas-extras que fazia), e principalmente não sabia que mesmo com todo seu empenho seria cobrado diariamente pelo patrão, que nunca estava contente.

Foi então que Ângelo voltou a trabalhar mecanicamente, e os êxtases voltaram depois de um tempo.

A seguir vai a listinha que Ângelo escreveu na sua agenda (aos poucos, dentro do ônibus), cheia de rabiscos, com o título de “musicas para o meu trabalho”:

- *Fábrica* (Legião Urbana);
- *Love & Music* (Piano Magic);
- *3rd Planet* (Modest Mouse);
- *Música de Trabalho* (Legião Urbana);
- *Work is a Four-Letter Word* (The Smiths);
- *Work* (Lou Reed & John Cale);
- *Farmer San's Ranch* (Magic Crayon);
- *Maggie's Farm* (Bod Dylan);
- *Lavorare Stanca* (Fellini);
- *Dear Employer* (The Minus 5);
- *Tape Loop* (Morcheeba);
- *Carne Fresca* (Afterhours);
- *We Can Work It Out* (The Beatles);
- *Day Is Done* (Nick Drake).

Um belo dia, após a enésima cobrança, pediu ao patrão para voltar a ser operário.

Na segunda vez que pediu, foi atendido.

A partir daí sim que os êxtases ficaram mais freqüentes e fortes.

Num deles lembrou-se do filme da Bjork, da Selma trabalhando na fábrica, e riu com o canto da boca.

A cada mês que passava o salário era pago com mais dias de atraso e aquilo começava a incomodar todos ali.

A cada funcionário que pedia demissão ou que era demitido, escutava sempre a mesma história:

- Você teve azar de pegar um patrão assim tão ruim.

Dentre os que se demitiram estava seu irmão, que decidiu voltar ao Brasil, e assim foi.

Ângelo decidiu que aquilo ali não era para ele e que deveria trocar de emprego. Para tal decidiu fazer a carta de motorista, para poder arrumar um carro qualquer. Ele viu que até mesmo para um emprego de operário as agências de trabalho selecionavam candidatos que tinham meio de transporte próprio. Depois de alguns meses de tédio (e gastos) na auto-escola, retirou o documento. Foi então a uma concessionária e comprou um carro, usado, velho, mas, a seu ver, conservado. Já no trajeto entre a concessionária e sua casa, o carro morreu. E lá se foram algumas semanas, até a substituição do carro, por outro, usado, velho, mas conservado, e que funcionava.

Foi uma ex-colega de trabalho que lhe contou sobre a vaga de operador de máquinas que surgiu na fábrica onde trabalhava seu cunhado. E foi assim que Ângelo mudou de emprego.

O patrão da outra fábrica, que na entrevista tinha dito a Ângelo que a empresa oferecia segurança e que a relação de trabalho seria baseada na lei, na pontualidade, na formação e na eficiência, tinha um aspecto sóbrio, era meio calado, sério e direto.

Na primeira semana Ângelo se esforçou ao máximo, mesmo porque logo de cara sentiu que ali existia organização e que as pessoas trabalhavam tranquilas, isto é, não existia cobrança acima do normal.

A cada dia que passava, o mecânico, que era a pessoa responsável pela formação de Ângelo, ensinava coisas novas a ele, que ia percebendo que o trabalho era muito mais complexo do que no seu emprego anterior.

Nada de êxtases.

Era um galpão grande. Um pouco maior do que o galpão onde ele trabalhava antes. Havia quatro linhas de produção, cada linha consistia de um corredor com seis ou sete máquinas de cada lado. Ele começou trabalhando na linha de número um, sempre acompanhado pelo mecânico.

Na segunda semana ele foi deslocado para a linha de produção número dois, e aí Ângelo percebeu uma grande diferença no volume de trabalho, que aumentou bastante.

O ritmo era outro, bem mais rápido.

O contrato acabou sendo assinado somente depois de dez dias de efetivo trabalho. Ângelo observou ao patrão que a data estava errada e então lhe foi garantido que receberia por todas as horas efetivamente trabalhadas naqueles dez dias, em forma de “prêmio”.

O mecânico já não o acompanhava sempre.

A partir de então, Ângelo começou a enxergar tudo ao seu redor de forma diferente.

Aquele lugar parecia um cenário, que tinha sido modificado para a próxima cena.

Até então não tinha observado bem como eram as pessoas que ali trabalhavam.

Quase 30 pessoas trabalhavam lá.

Nos escritórios, que ficavam na parte da frente do galpão e eram divididos em três salas, trabalhavam: o patrão, o secretário/recepcionista, o responsável pela produção e quatro programadores. Todos nascidos na região.

No galpão em si trabalhavam: as duas mulheres do controle da qualidade, o motorista, as duas senhoras que faziam os reparos nas peças sofríveis, o assistente do responsável da produção e os dois mecânicos, e 12 operários.

Na fábrica inteira trabalhavam apenas três ou quatro pessoas nascidas no exterior (Ângelo incluso), e todas elas trabalhavam como operários.

Felice nasceu no Vietnã e, apesar de se dirigir aos outros com extrema naturalidade e de falar com rapidez/firmeza, não sabia falar bem o italiano. Ele já morava na Itália fazia 20 anos. Hacene nasceu na Argélia e era um rapaz tranquilo, sabia falar bem o italiano e muito bem o francês, além da língua materna, o árabe. Eles dois trabalhavam respectivamente nas linhas de produção três e quatro, que eram as mais velozes e cansativas, diziam.

Mesmo dentre os que nasceram na Itália, Ângelo notou que havia apenas cinco pessoas que nasceram em outras regiões da Itália. E quatro deles trabalhavam como operários; o quinto, que trabalhava como mecânico, já morava na região desde criança e sabia falar o dialeto local fluentemente.

Mas existia algo em comum a todos eles: a resignação.

Era visível que eles todos não gostavam de trabalhar lá, de trabalhar daquele jeito, de trabalhar tanto. Mas era mais visível ainda que eles consideravam aquilo tudo necessário, ou ao menos inevitável. E como Ângelo já vira em outros lugares, poucos demonstravam ter os chamados êxtases, a grande maioria tinha aquele ar apático, robótico, típico de quem está “pensando” naquilo que faz (quando aquilo que se faz é trabalhar sem vocação).

Quando parecia mais improvável, voltaram os êxtases.

Ângelo foi novamente transferido, agora para a linha de produção número três. Desde o primeiro dia lá, na linha de produção número três, ele percebeu a mudança no “estilo” do patrão: Ele agora lhe parecia muito mais enérgico, nem o cumprimentava mais. Quando lhe dirigia a palavra, era para perguntar onde estava fulano ou então para perguntar porque tal máquina não estava rendendo tanto quanto ele esperava.

Os êxtases talvez tenham voltado porque Ângelo passou a trabalhar sozinho, sem ajuda alguma do mecânico por várias horas. Apesar de passar as oito horas diárias de trabalho andando pelo corredor, por entre as máquinas, num ritmo assustador, e

apesar de realmente não ter tempo nem para ir ao banheiro ou beber água (ao menos não o quanto ele gostaria), os êxtases voltaram. E depois de um primeiro momento de desespero total, do tipo “puta-merda, só me faltava essa, já não estou conseguindo nem fazer o que devo, aqui, e agora me vem essa historia de colocar a mente no piloto automático, para divagar!”, ele até entendeu aquilo como uma defesa do seu organismo, contra a ânsia de vômito, a dor de cabeça, as pontadas, a falta de ar e o suor. Assim ele meio que se anestesiava.

Seria Ângelo um fraco, um pequeno burguês romântico e despreparado para sair daquela vida socialmente predeterminada que ele tinha no Brasil?

Pois o filme *Dançando no Escuro*, que a seu ver tratava do mesmo tema (as dificuldades de alguém que emigra por conta própria), nem por um momento se concentrou em como é assustadoramente opressor e excessivo o trabalho numa fábrica. Ou então a fabrica do filme era de um patrão mais moderado, ou então Ângelo, ao invés de fraco, seria mais forte do que os outros e por isso é que foi colocado no corredor mais exaustivo. Mas se o chefe de Ângelo enxergou essa força nele, então como desfazer esse terrível mal entendido?

Mais de uma vez teve vontade de fazer como o personagem de Fante, pegar sua mochila e voltar para a casa dos pais, mas então pensava na mulher da sua vida, que demonstrava muita preocupação com o pouco que lhe contava Ângelo sobre seu trabalho, e em seu filho; e quase sempre estava chegando o final de seu turno - hora de sair da fábrica, em direção à sua casa.

Ângelo ficou muito excitado com o anúncio que viu na internet, sobre a vaga que um dos programas de intercambio e formação profissional da União Européia oferecia, na Islândia, para a função de carteiro, em Reykjavík. Ficou também um pouco empolgado com a vaga de caseiro para uma mansão de veraneio, em Cortina D'Ampezzo, nos Alpes italianos.

Ou seja, muito combustível para seus devaneios, para seus êxtases.

Nos seus últimos êxtases, Ângelo tem pensado em escrever sobre essa sua experiência, sobre essa sua vivência. Ele gostaria de escrever um conto, algo de

leitura rápida e fácil, algo que trouxesse informação e reflexão. Ele queria discorrer sobre o que é o tal mundo do trabalho, talvez até incluindo a etimologia da palavra trabalho, ou da palavra fábrica, ilustrando pontos em comum no decorrer do tempo, ou mesmo sobre o que seria a vida de adulto, sob a ótica de um *outsider*, isto é, de alguém que não se enquadra nos padrões, mesmo continuando a tentar.

Claro que eu sei que, mesmo que ele algum dia chegue a escrever, nunca vai ser como isto. Nem poderia ser.

Bem, além de eu ter muito tempo livre e um profundo conhecimento do gênero humano, ele mesmo me facilitou a proposta.

Foram os olhos dele. Foi o modo como ele enxergava as máquinas, as peças, os colegas, e o patrão; foi o modo como ele se vestia, se movia, se expressava; enfim, sua feição e seus modos.

Claro, teve também o patrão, que me contou alguma coisa, rapidamente, sobre o que o responsável da produção contou para ele, que o mecânico contou, que um ou outro operário comentou sobre alguma conversa de um ou dois minutos em frente ao relógio de ponto. E teve também seu currículo, com que me deparei dia desses enquanto procurava algo numa pasta etiquetada “RH”, numa das gavetas da mesa do patrão.

E claro, sua agenda, que eu recoloquei com extremo cuidado, do mesmo jeito que estava antes, no armário.

Ângelo me viu uma vez na vida, enquanto eu conversava com o patrão dele. Estávamos caminhando pelo galpão, eu e o patrão dele.

O patrão dele é, digamos, meu sócio minoritário.

Mal poderia imaginar Ângelo o que escrevi sobre o patrão dele.

Bem, devo admitir que o patrão conseguiu impor a Ângelo uma imagem promissora no início (e vice-versa), o que se fazia necessário.